

## O RACISMO NO ÂMBITO EDUCACIONAL: CONSTRUINDO IDEAIS EM UMA SOCIEDADE BRASILEIRA

José Milson Alves dos Santos<sup>1</sup>  
Diógene José Gusmão Coutinho<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo busca trazer questionamento e reflexão sobre as diversas discriminações e práticas entrelaçadas dentro das instituições educacionais e trazer esse discurso para o centro educacional que, muitas vezes, são omitidas nas práticas docentes nos diversos espaços sociais. A pesquisa tem como objetivo de indagar, refletir, trazer informação para que haja uma mobilização e conscientização em diversos seguimentos que estão presentes no âmbito educacional e na comunidade ao seu entorno. Essas práticas buscam erradicar e diminuir elevados índices de preconceito racial que ocorrem no interior de nossas escolas, fala-se também sobre a importância da escola, tendo em vista algumas leis que "amparam" a população de cor, raça, porém a lei não é executada como deveria ser e quem dela necessita. A metodologia empregada foi o método bibliográfico e a abordagem qualitativa, com intuito de dar conta do estudo sobre o racismo na escola. Os resultados obtidos a partir dessa pesquisa demonstraram que existe preconceito racial nas instituições de ensino, mas que essa prática preconceituosa seja abolida desse espaço e a diversidade cultural seja valorizada para que tenhamos uma sociedade mais justa e igualitária.

**Palavras-chaves:** Racismo. Escola. Preconceito Racial. Diversidade cultural.

418

**ABSTRACT:** This article seeks to question and reflect on the various forms of discrimination and practices interwoven within educational institutions and to bring this discourse to the educational center, which are often omitted from teaching practices in the various social spaces. The research aims to investigate, reflect and provide information so that there is mobilization and awareness in various segments that are present in the educational sphere and in the surrounding community. These practices seek to eradicate and reduce the high levels of racial prejudice that occur within our schools. They also talk about the importance of the school, in view of some laws that "support" the population of color, race, but the law is not executed as it should be and who needs it. The methodology employed was the bibliographical method and the qualitative approach. to account for the study of racism at school. The results obtained from this research showed that racial prejudice exists in educational institutions, but that this practice must be extinguished from this space and cultural diversity must be valued so that we have a fairer and more equal society.

**Keywords:** Racism. School. Racial prejudice. Cultural diversity.

<sup>1</sup>Formado em Letras Português pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e graduado em Pedagogia pela Universidade Internacional (UNINTER) Professor efetivo da rede municipal lecionando Língua Portuguesa nos anos finais em São Miguel dos Campos -AL, Pós-graduado no Ensino da Metodologia da Língua Portuguesa e mestrando em Ciências da Educação.

<sup>2</sup>Orientador do mestrando em ciências da educação pela Christian Business School. Doutor em biologia pela UFPE. <https://orcid.org/0000-0002-9230-3409>.

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, irei abordar o preconceito no âmbito escolar e os efeitos daquelas pessoas que sofrem com esse tipo de estigma e discriminação por motivo étnico-racial, dentre tantas questões entrelaçadas que estão inseridas no contexto escolar na inclusão e na exclusão de alunos. Dessa forma, o artigo tem a intenção de responder algumas preocupações sobre as relações de preconceito racial, na vida escolar dos alunos que são vítimas de tais ações.

Diante de minha trajetória acadêmica e escolar, sendo minha formação inicial em Letras e a segunda em Pedagogia, sempre notei a falta da discussão no ambiente escolar sobre as questões inerentes a direitos humanos, cidadania, sexualidade e a diversidade cultural, comecei então a me perguntar sobre identidade de gênero, sexualidade e questões étnico-raciais, além de outras questões no tocante às segregações, preconceitos e religião. No entanto, nesse artigo, vamos tratar de discriminação por questões étnicas raciais dentro da escola.

Como um professor ativo, vejo a importância e a necessidade de aplicar a lei Federal 10.639/03, que preconiza a educação das relações étnicas raciais, hoje Lei Federal 11.645/08, que abrange a educação indígena. Além disso, outro fator que fomentou como foco de pesquisa foi às experiências como aluno e como professor ao longo do tempo percebendo a prática do racismo pelo alunado dentro da comunidade escolar.

419

O presente artigo nasceu das insatisfações preconceituosas na comunidade escolar e em seu entorno, tendo em vista o desenvolver dos questionamentos relacionadas aos negros que não eram expostas nas práticas docentes, isso fez rever na práxis pedagógica. A partir dessa observação, comecei a buscar por meio da pesquisa e da reflexão o motivo da abordagem de temas relacionados à cultura negra dentro da comunidade educacional. Insultos que se respaldavam na questão de cor, isto é, em práticas de discriminação ou até mesmo de segregação aos que discordam dos padrões de cor que são impostas pela sociedade.

Desde a sua construção histórica, a sociedade brasileira está entrelaçada nas práticas da segregação e na implicância das matrizes raciais. Visto que, a sociedade brasileira, trouxe os costumes europeus, homens brancos, heterossexuais. Esse rumo social provocou uma sociedade eurocêntrica, isto é, colocando a cultura Europeia em destaque em detrimento das outras culturas. Essa prática, desde a colonização, traz o colonizador como referência para a sociedade brasileira produzindo essa reação de segregações e discriminações as outras culturas.

A repugnância ao negro, índio, homossexuais, corroboram a violência praticadas contra esses grupos sociais.

A violência, motivada contra indivíduos que não aceita a cor negra, tendo em vista a referência da cor branca, tem surgido uma segregação cultural, étnica e sexual. Essas violências ocorrem todos os dias em diversos setores e segmentos de nossa sociedade.

De acordo com o Atlas de Violência, o qual é uma parceria entre o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Busca-se retratar a violência no Brasil, principalmente a partir dos dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) do Ministério da Saúde. Informou que 76% dos homicídios são negros, ou seja, a cada 10 vítimas de homicídio no Brasil, sete são pessoas negras. Os dados integram o Atlas da Violência 2024, com base em dados de 2022 e que 76,5% dos homicídios do Brasil foram contra negros. O percentual representa 35.531 negros mortos intencionalmente no país. As mortes de pessoas não negras são 19,4% do total de mortes com registro racial.

Esses dados corroboram que a taxa de mortalidade dos brancos é menor que a taxa dos negros. ou seja, os negros estão mais propícios à morte em comparação aos brancos.

O artigo trata de uma investigação por meio uma de intervenção acerca das práticas racistas na comunidade escolar no sentido de possibilitar discussões e indagações sobre o tema na Escola Ana Neri Malheiro de Oliveira, situada na cidade de São Miguel dos Campos, Estado de Alagoas. Esse trabalho foi desenvolvido com os alunos do 8º ano do horário vespertino. Essa turma é composta por 41 alunos, sendo 22 meninas e 19 meninos que tem entre 14 a 16 anos de idade.

Essas práticas acarretaram diversas agitações e a partir daquele momento comecei a pensar e repensar na prática docente e buscar métodos para essas atitudes discriminatórias e de segregação presente no âmbito educacional.

Em conversas com outros professores, pude inferir que os docentes argumentam que os discentes levam tudo na base da brincadeira e que entre si não há atitudes de discriminação acerca das violências provocadas pela aversão ao diferente.

Todas essas observações foram fundamentais para que o projeto de intervenção fosse feito e executado no ambiente escolar com o objetivo de romper ou diminuir as formas de segregações que ocorrem no âmbito educacional e também nos diversos espaços sociais ou nas comunidades locais de sua vivência.

## DESENVOLVIMENTO

### Pressupostos teóricos e históricos sobre temas raciais na educação brasileira

A escola é o reflexo de nossa sociedade. Desde quando o Brasil se tornou colônia dos portugueses, a discriminação entre brancos e negros impregnou no Brasil. Esses cenários históricos sociais retratam nos comportamentos que evidenciamos na sociedade contemporânea da aversão europeia contra o negro, o homossexual, divergindo aos padrões imposta pelo colonizador.

Segundo Sanches (2001) “O racismo é um comportamento, uma ação resultante de aversão, por vezes do ódio, em relação a pessoa que possui um percentual racial observável por meio de sinais tais como: cor da pele, cabelo e etc.”

É nessa concepção que evidenciamos práticas discriminatórias da cor/raça dentro da comunidade escolar por meio das atitudes e da aversão ao diferente dos padrões determinado pela cultura europeia.

E o docente, quais são as didáticas e métodos utilizados em seu fazer pedagógico? Podemos notar que muitos dos professores ainda utilizam o senso comum, com isso tendo preceitos e atitudes que reproduzem e reafirmam os estereótipos os quais estão presentes na sociedade.

O professor desempenha o papel essencial na escola quando executa métodos voltados para erradicar segregação entre crianças brancas e negras. Essas distinções estão entrelaçadas em uma sociedade que promove o branco no centro como modelo, com isso, cria e reproduz uma ideologia entrelaçada no senso comum.

É essencial desmistificar que a didática se utiliza do senso comum para corroborar e desenvolver barreiras na construção de uma sociedade justa e igualitária.

Nas aulas, é evidente que o tema diversidade, gênero, preconceito racial, são omitidos pelos diversos docentes, e quando são mencionados é de forma rasa e superficial não trazendo um debate sólido nos âmbitos educacionais.

A didática viabiliza nos alunos uma concepção desfigurada do ser negro, os modelando a uma realidade que não os cabem. Os estereótipos são produzidos com o objetivo de menosprezar a raça branca e reerguer a raça dita branca.

Vejamos o que o teórico Munanga diz acerca do assunto pertinente:

Conforme Munanga (2005),

Ao veicular estereótipos que expandem uma representação negativa e uma representação positiva do branco, o livro didático está expandindo a ideologia do branqueamento, que se alimenta das ideologias, das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais, que se conjugam com a não legitimação do Estado, dos processos civilizatórios indígenas e africano, entre outros constituintes da identidade cultural da nação. (MUNGANÇA, 2005, p.23)

Munanga (2005) diz que o professor pode ser um mediador inconsciente dos estereótipos se for formado com uma visão acrítica das instituições e por uma ciência tecnicista e positivista, que não comporta outras formas de agir, Por isso, é fundamental que o professor atue de forma crítica, não deixando esses preconceitos disseminarem nas salas de aulas e indo ao encontra a esta didática excludente. Podendo assim gerar articulações e mecanismos com intuito de diminuir a concepção racista e evitar que seus discentes internalizem estereótipos ludibriados

Almeida (2009) avalia que:

O impacto da pouca reflexão acerca da temática racial no processo de formação certamente será sentido no exercício da prática profissional. Diante do quadro de grande desigualdade social de nosso país, em que está subjacente a discriminação racial, o profissional que foi educado no seio de uma sociedade cuja cultura, ainda hegemônica, é a do mito da democracia racial e que não obteve no período de sua formação instrumentos de análise crítica das relações raciais constituintes do seu país, poderá ter dificuldade em intervir de forma competente e comprometida com a restituição de direitos violados da população historicamente discriminada por condição étnico-racial (ALMEIDA, 2009, p. 123).

Segundo Almeida (2009), a sociedade tem preceitos históricos sociais na promoção da discriminação racial e da segregação. Ele ainda enfatiza que os profissionais que foram instruídos no âmbito cultura hegemônica, tendem a obter uma barreira na hora de intervir em práticas discriminatórias e de segregações presentes em sociedade em maior escala.

A escola quando omite as práxis que possibilitam a equidade de sexo, gênero, religiões e respeito às diversidades culturais, ela é uma escola que está respaldada na reprodução de um sistema ideológico. Ou seja, essas práxis propagam uma omissão discriminatória e vivenciada em uma sociedade presente. Isso reflete uma educação que afeta as práticas e costumes daqueles que buscam por igualdade e por uma sociedade justa, pois é uma escola que enfatiza o padrão determinado que foi imposta pela cultura europeia.

Essa prática entrelaçada pela questão de cor/raça fez nascer à teoria Eugenista que defende a superioridade da cor branca em razão da cor negra. Essa teoria teve forte acolhimento no Brasil propagando e consolidando as práxis preconceituosas.

Afinal, o que a escola deve fazer para propagar o respeito às diferenças e a equidade?

Conforme Gadotti (2011, p. 36):

Educação é o lugar onde os sujeitos aprendem a ser gente é a escola do companheirismo do para ter sentido, portanto, para ter sentido humanizador precisa pensar em uma educação emancipadora e por isso sua pedagogia deve ser uma pedagogia do encontro, do diálogo, das redes solidárias. É empoderar, e (re) encantar despertar capacidade de sonhar, despertar crenças que é possível mudar o mundo.

A inevitabilidade de uma prática pedagógica do aprender e ensinar por meio do partilhamento étnico raciais do respeito às diversidades, de gênero e da equidade produzida através de indagações e desdobramento a qualquer atitude de implicação motivada na comunidade educacional e na sociedade. Esse papel, não cabe somente ao professor, mas sim a todos os segmentos sociais. De acordo com Freire (2015, p. 77). “Se a educação sozinha não transforma a sociedade sem ela tão pouco a sociedade muda”.

Uma educação de qualidade deve ser justa e igualitária com a finalidade de uma promoção ao apressa a pluralidade e respeito a diversidade, visto que já consta nas Diretrizes do Plano Nacional de Educação Para os Direitos Humanos que diz:

Educar em direitos humanos é fomentar processos de educação formal e não-formal, de modo a contribuir para a construção da cidadania, o conhecimento dos direitos fundamentais, o respeito à pluralidade e à diversidade sexual, étnica, racial, cultural, de gênero e de crenças religiosas (BRASIL, 2003, p. 7).

Essa conduta é de extrema importância para a promoção e enfrentamento a qualquer forma de preconceito seja ele étnico racial, sexual, religioso, etc.

Abramovay (2006) afirmam:

A discriminação na escola não é apenas uma prática individual entre os atores escolares, mas são principalmente ações e omissões do sistema escolar que podem contribuir para prejuízos na aprendizagem do aluno negro, minar o seu processo identitário e deixar mágoas, sofrimentos, muitas vezes não expressos. (CASTRO E ABRAMOVAY, 2006, p. 245).

Conforme Sanches (2001), “O racismo acontece quando se atribui a um grupo determinados aspectos negativos em detrimento de suas características físicas ou culturais”. Os elementos presentes na citação mostram que o negro é o centro de racismo firmado em suas características físicas e culturais, recebendo críticas por ter lábios grossos, cabelos crespos e dentre outros traços.

Alguns afirmam, que a democracia racial no Brasil é essencial em um país multicultural, evidenciamos que a aversão ao negro é constante em uma sociedade. Vejamos Cavalleiro (2001):

A necessidade de reescrever a História nas diversas áreas do conhecimento é de extrema importância, principalmente para desmitificar o mito de que o Brasil, por ser um país de grande miscigenação, não tem problemas raciais como sempre se observa por meio de educadores internacionais (CAVALLEIRO, 2001, p. 33)

Segundo Orlando (2005), o preconceito está presente em qualquer lugar, seja na escola, já nas séries iniciais, na rua, no seio familiar. E quando é dentro da escola, isso é visualizado pela ausência de materiais didáticos que colocam o negro em uma posição positiva perante os feitos sociais e culturais. Entretanto, consta o contrário, tendo em vista que os materiais didáticos colocam o negro na posição de submissão à cultura branca imposta pela cultura europeia.

A escola é o local adequado para indagar, discutir, refletir e expor essa realidade da discriminação ao negro que está presente nos diversos espaços sociais. A escola, na pessoa do professor, deve agregar uma prática que viabilize os diversos preconceitos presentes em sociedade, e até mesmo dentro dela. Com base nisso, possibilitando propor atividades e projetos que venham discutir o apelo à tolerância e ao respeito às diferenças e que sejam elas as diversidades culturais, étnicas, gêneros, assim entrelaçando uma sociedade pautada no respeito às diferenças.

O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico - raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro - Brasileiro e Africano (2009, p. 18) “em 2005, um milhão de exemplares de cartilha das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico - raciais foram distribuídos para as redes de ensino dos estados brasileiros”.

424

Munanga (2015) afirma:

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade (MUNANGA, 2005, p.15).

Mesmo com a obrigatoriedade de Ensino de História e Cultura Afro - Brasileiro e Africano, os professores ainda não estão totalmente focados ou até mesmo interessados a trabalhar com esses temas. O que acontece no ambiente educacional são as abordagens rasas de temas relacionados ao negro. Todavia, essas repercussões não são realizadas a ponto de uma transformação efetiva em uma sociedade que busca igualdade e equidade ao negro contra o racismo e a segregação, evidenciando ainda mais, tragicamente, o preconceito e a discriminação

racial dentro da própria escola, a qual deveria propagar uma sociedade justa e igualitária, por meio de ações, projetos e métodos voltados para a questão racial.

Tendo como partida as hipóteses implementadas, o projeto: *O racismo no âmbito educacional: construindo ideias em uma sociedade brasileira*, ao conceber que é de suma importância uma contribuição que agregue o desenvolvimento de práxis e posicionamento que desconstrua a aversão ao negro e viabilize uma educação amparada no princípio da igualdade e do respeito às diferenças e corrobore o desenvolvimento de uma sociedade antirracista.

A Escola Municipal Prof.<sup>a</sup> Ana Neri Malheiro de Oliveira está localizada na Avenida Francisco Jatobá, Hélio Jatobá III, quadra C-5, 52. A mesma atende aos discentes nos três turnos (matutino, vespertino e noturno), do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. A escola tem aproximadamente 1700 alunos nos três turnos.

A escola tem amplo espaço físico e contam com 16 salas de aulas, além de biblioteca, laboratório de informática, sala dos professores, cantina e outros elementos primordiais para o funcionamento do ambiente educativo.

A população presente na escola é de baixa renda, filhos de agricultores e pequenos comerciantes. Os discentes têm sérios problemas de leitura e escrita e alguns de socialização, relacionamento e também de indisciplina.

### O relato da experiência

Cabe ressaltar que a estratégia utilizada na aplicação do projeto: *O racismo no âmbito educacional: construindo ideias em uma sociedade brasileira* é expositiva, dialógica a qual tem o intuito de agregar e implicar interações por meio de perguntas e reflexões mediadas por atividades individuais e em grupo. Antes de darmos início ao projeto de intervenção dialogamos com a coordenadora pedagógica, professores e diretor do ambiente educacional.

Dando início à intervenção, lançamos a seguinte reflexão: Vocês sabiam que isso é preconceito? No momento da sondagem discutimos com os discentes os apelidos, brincadeiras e chacotas indagando-se tais atitudes poderiam ser compreendidas como preconceito ou não.

Essa abordagem foi essencial, pois induzi-los a uma reflexão acerca de algumas práticas do dia a dia dos discentes que eles utilizavam nos diversos ambientes sociais e até dentro da escola.

Os discentes ratificaram que algumas formas de tratamento que eles utilizam com os colegas eram apenas brincadeira ou apelidos e que eles eram acostumados a utilizarem essas nomenclaturas.

Seguindo a caminhada abordamos a música Haiti, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, onde os discentes foram divididos em grupos para escreverem os principais temas abordados na música, em seguida com os dados escritos propiciamos uma discussão voltada aos elementos mencionados na música com a situação sociocultural e econômica do Brasil. Essa abordagem viabilizou entender as segregações amparadas no contexto socioeconômico.

Na semana seguinte, assistimos ao vídeo *Criola, Mulheres negras* participando na construção de seus direitos. O vídeo faz referência às lutas de mulheres negras que moram na periferia da cidade do Rio de Janeiro em que as mulheres são desprovidas de direitos básicos como a saúde, educação e saneamento básico.

Seguindo a caminhada assistimos ao vídeo: *Discriminação e racismo institucional-Brasil 2014*, após assistimos ao vídeo propormos um seminário com os discentes sobre o Racismo institucional. Esse seminário com a mediação do docente foi instigado através de indagações do tipo: O que você entende por racismo institucional? O racismo ocorre dentro do ambiente educacional? Como o mercado de trabalho recebe o negro? Tais questionamentos foram de vital importância para o desenvolvimento do seminário e podermos desconstruir alguns estereótipos construídos em sociedade.

Continuando a aplicação do projeto de intervenção, assistimos ao documentário: *Percepções de um Angolano e um Belga em Florianópolis*. Esse documentário proporcionou desenvolver algumas reflexões em sala de aula da seguinte maneira: As pessoas percebem de que forma o racismo? O que pode interferir na forma de percebermos as práticas sociais? Por que o Angolano tem uma visão distinta do Belga do Brasil? Logo após assistimos ao documentário os discentes relataram que essa diferença na maneira de ver o espaço o qual está inserido tem alicerce na questão de cor. Alguns alunos e alunas também relataram que já sofreram alguns abusos por parte da polícia militar e também de outros órgãos de segurança. Relataram também que em hospitais são discriminados pela questão social e também por questões de cor. Esses relatos dos/das discentes foram primordiais para que eles percebam que a igualdade étnica racial e de gênero devem ser buscadas e que devemos lutar por igualdades de condições em sociedade e nos diversos espaços sociais.

Para podermos finalizar o projeto lançamos um seminário final que foi realizado pelos discentes com os seguintes temas: a violência contra as mulheres negras no Brasil, o racismo impregnado no Brasil, a violência gerada pelo racismo

O seminário final pode estabelecer uma ponte entre a abordagem teórica do racismo no ambiente educacional e possibilitou que os discentes percebam que práticas de discriminação, segregação e violências devem ser questionadas e denunciadas. Os discentes ainda relataram que quando a segregação ocorre por órgãos de segurança pública ficam com medo de realizarem denúncia por medo de serem reprimidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo tratei rastrear as práticas dos discentes diante das práticas de racismo existentes no ambiente educacional e social, bem como estas relações se entrelaçam no cotidiano educacional.

As práxis do preconceito e aversão ao diferente estão presentes em todos os seguimentos de nossa sociedade. É inevitável que as discriminações atuais têm contribuições históricas da escravidão, patriarcado, e culturas hegemônicas. Outro fator que reforça o racismo são atitudes que insiste em omitir o racismo presente em sociedade.

[...] uma imagem de negro (“preto”) como um ser que “vale menos”, que tem “direito” a “menos”, que “é menos” do que aquele que não o é. Uma imagem que permeia a relação entre os alunos e que configura formas de relação entre “não-pretos” e “pretos” em que, muitas vezes, os primeiros se colocam incondicionalmente acima dos segundos e fazem de tudo para marcar esta “diferença que desvaloriza” (ALMEIDA, 2007, p. 61).

Almeida (2007, p. 61), afirma que as relações interpessoais inseridas no ambiente escolar entre negros e brancos são diferentes e estimulam estereótipos de inferioridades essas práticas de discriminação, racismo e segregação étnicos racial estão presentes na escola.

Conforme Orlando (2005), as segregações estão presentes desde os anos iniciais no âmbito escolar, há ausência de materiais que tragam imagens positivas dos negros, com isso ocorrendo um ocultamento dos negros nas participações e feitos históricos e sociais presentes em sociedade.

De acordo com Fonseca, (2009, p. 108). “A sociedade brasileira não toca nas distorções, nos crimes, e nas violências sutis, simbólicas e sangrentas que geraram e geram divisões, fossos e guetos étnico-raciais, religiosos, classistas, sexistas e geracionais”.

Assim, acreditamos que o projeto produziu um repensar por parte dos docentes e dos os quais começaram a perceber que o projeto tem o intuito de proporcionar a equidade étnica racial

e o respeito às diferenças sejam elas de qualquer natureza pude perceber conversando com alguns professores e algumas professoras que eles querem desenvolver os projetos que estejam relacionados com a promoção da igualdade social. E os alunos começaram a se ter uma visão como indivíduos que merecem serem respeitados independentes de cor, religião ou opção sexual.

Ao final dos debates desenvolvidos no artigo, é possível notar que um dos aspectos que mais interferem nos trabalhos de combate ao racismo é o fato de não existirem um projeto institucional fixo que possibilite ações referentes a temáticas que possibilite um trabalho multidisciplinar sobre relações raciais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Gomes de; 1ª. Edição. **O preconceito racial e suas impregnações**. Revista Time, São Paulo 2004.

BARROS, Zelinda dos Santos; BARROS, Paula Cristina da Silva Barreto; SANTOS, Marta Alencar dos; Oliveira, Maiara Alves. **Educação e relações étnico-raciais**; Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador, Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.

BORGES, Edson, D'ADESKY, Jacques, MEDEIROS, Carlos Alberto. **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

CAVALLEIRO, Eliane. (org.) **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo. Summos 2001.

\_\_\_\_\_, **O combate ao racismo e ao sexismo como eixos norteadores das políticas de educação**. [www.dhnet.org.br/educar/.../042\\_congresso\\_eliane\\_cavalleiro, pdf](http://www.dhnet.org.br/educar/.../042_congresso_eliane_cavalleiro.pdf), acesso em 20 de Janeiro de 2017.

CASTRO, Mary Garcia (Coord.) / ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Relações Raciais na Escola: Reprodução da Desigualdade em Nome da Igualdade**. Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violências nas Escolas, 2006.

GADOTTI. Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. São Paulo. Instituto Paulo Freire. 2011.

MENDES, Iba. **A origem do "Preconceito"**. Disponível em: <http://www.etimologista.com/2010/04/origem-do-preconceito.html>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2020.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ORLANDO, Celso. **Só não enxerga quem não quer: Racismo e preconceito na Educação Infantil.** Revista Avisalá, nº 23, nov. 2005.

ROCHA, Roseli da Fonseca. **A questão étnico-racial no processo de formação em Serviço Social.** In: Revista Serviço Social e Sociedade, nº 99. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo:UNESP, 2000.

SANCHES, Edward Costa. **Contra o racismo não há argumentação.** São Paulo: Revista Seleção, 2001.